

**O telejornalismo como precursor do fazer jornalístico
em Amarante-MA**

*The television news as precursor of journalism
in Amarante-MA*

Thays Assunção REIS¹
Jael Martins de Sales RODRIGUES²

Resumo

A prática jornalística em Amarante, localizada no sudoeste do Maranhão, teve seu início nas emissoras de televisão. No entanto não há informações sobre o pioneirismo deste meio no cenário local. Desse modo, o presente artigo busca resgatar os primeiros passos do Jornalismo nas Tv's que já existiram e/ou existem no município. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica e entrevistas com profissionais que trabalharam no meio televisivo. Ao analisar os depoimentos colhidos e os acervos dos comunicadores entrevistados, percebe-se que a trajetória do telejornalismo na cidade é marcada pelo domínio de representantes políticos e a forte tendência sensacionalista de alguns noticiários.

Palavras-chave: Resgate. História. Amarante. Televisão. Maranhão.

Abstract

The Journalistic practice in Amarante, located in the southwest of Maranhão, had its beginning on television stations. However there is no information about the pioneers of this medium in the local scene. Thus, this article seeks to rescue the first steps of Journalism in TV's that have existed and / or exist in the municipality. Therefore a literature review and interviews with professionals who have worked in the television medium was performed. By analyzing the testimonies collected and collections of respondents communicators, it realize-se that the trajectory of television news in the city is marked by the dominance of political representatives and the strong sensationalist tendency of some news.

Keywords: Rescue. History. Amarante. TV. Maranhão.

¹ Mestranda do programa de pós graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (PR). Email: thays.jornalista@gmail.com

² Graduada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. Email: jaelmartins.s@hotmail.com

Introdução

Registrar a história do jornalismo de determinado local, seja um país, estado ou cidade, constitui-se um importante papel social, uma vez que através dessa transcrição é possível a compreensão da própria estrutura de determinada sociedade e quais valores e contexto sociais estão atrelados ao seu surgimento e desenvolvimento ou, até mesmo, atraso. Os meios de comunicação, principalmente quando associados à prática jornalística, permitem o avanço social, se feito de forma democrática. Os cidadãos necessitam de um porta-voz que, além de noticiar acontecimentos importantes, também pressione os poderes públicos para as necessidades da população. Os meios de comunicação têm o poder de mobilizar a sociedade em prol de um ideal, torna-se a voz das massas. Quando não há esse canal, é comum que a sociedade se disperse, os políticos se acomodem e as cobranças tornem-se evasivas.

É com a finalidade de preservar a história da cidade, ou pelo menos uma parte dela, que investiga-se nesse trabalho o telejornalismo que existe ou existiu em Amarante e sua contribuição social. Para isso foi utilizada a pesquisa bibliográfica, documental e entrevistas. Por meio da análise documental foram reunidos e analisados quatro fitas cassetes com três telejornais localizados com muita dificuldade em acervos pessoais, pois a maioria era a última cópia existente. Também foram entrevistados profissionais que trabalharam na emissora de televisão da cidade. São eles: João Batista Franco Lima (apresentador); Kwyglatam Gonçalves Santana (produtor) e Kerisson Falcão da Cunha, (repórter).

A TV brasileira

A “caixa mágica”, como ficou conhecida a televisão, teve sua primeira transmissão no Brasil em 4 de junho de 1939 durante a Feira de Amostras do Rio de Janeiro, evento amplamente divulgado nos jornais e revistas. A exposição teve a presença ilustre de Getúlio Vargas, que realizou a cerimônia de abertura. As imagens eram embaçadas e exigiam do público muita imaginação para tentar compreender o que

estava sendo transmitida, por isso a TV era comumente comparada a uma vitrola que também refletia imagens.

Qual seria a razão de a TV ser comparada ao grande móvel da vitrola e quase nunca a outros aparelhos que permitiam a visualização de imagens? A televisão em seus primórdios era rádio no qual a imagem figurava mais como imaginação do público do que como sensação de transmissão de algo que havia fora do som. Afinal, a qualidade técnica fazia com que as imagens continuassem sendo muito mais imaginadas do que necessariamente vistas. As figuras do quadro de vidro fosco eram processadas como possibilidade de ser vistas, ou seja, como imaginação visual (BARBOSA, 2013, p. 265).

Contudo, sua inauguração oficial ocorreria apenas onze anos depois da Feira de Amostras, em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, por meio dos esforços do magnata da comunicação Assis Chateaubriand. A TV Tupi-Difusora foi a pioneira e inicialmente apropriou-se da estrutura, formato de programação, profissionais e atrações artísticas do rádio. O primeiro programa transmitido foi o *TV na taba*, que tinha como apresentador Homero Silva e contou com a participação de atores como Lima Duarte e cantores como Hebe Camargo.

Em 1950, havia apenas 200 aparelhos televisores no Brasil, o que obrigou Chateaubriand a instalar alguns em praça pública para que a programação pudesse ser assistida por mais pessoas. Mattos (1990, p. 11) faz uma lista mostrando a evolução do número de aparelhos da década de 1950 a 1990, o que revela o avanço espantoso desse meio de comunicação no país. Dos 200 que havia inicialmente, passaram a 11.000 em 1952, que por sua vez foi triplicado dois anos mais tarde. Daí por diante esses números foram ganhando proporções cada vez maiores, e em 1990 o número de transmissores já era estimado em 30.000.000.

As emissoras também foram se multiplicando rapidamente e aperfeiçoando sua programação e técnicas de transmissão. Ao final de 1950, já havia 10 emissoras de televisão e, dez anos mais tarde, o videoteipe viria contribuir para a existência de uma rotina na forma do público assistir televisão.

No início da década de 60 a televisão sofreu um grande impulso com a chegada do videoteipe. Foi o uso do VT na televisão brasileira que possibilitou não somente as novelas diárias como também a implantação de uma estratégia de programação horizontal. A veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana

possibilitou a criação do hábito de assistir televisão, rotineiramente prendendo a atenção do telespectador e substituindo o tipo de programação em voga até então, de caráter vertical, com programas diferentes todos os dias (MATTOS, 1990, p. 16).

Graças à tecnologia do VT, muitos programas fizeram grande sucesso com atrações musicais, alguns deles relevando grandes nomes da música brasileira, como os Festivais de Música organizados pela TV Record, fundada ainda em 1953; assim, os improvisos predominantes no início já não são mais tão necessários. Já no período de 1968 a 1979, a televisão brasileira enfrenta a ditadura militar, em que o governo censurava toda a programação de acordo com suas ideologias, pondo fim à liberdade de expressão e exigindo dos profissionais mais criatividade para burlar o controle a que estavam submetidos e criar produtos de qualidade, como fez a chamada imprensa alternativa.

Entretanto, é nessa mesma fase que as programações ganham caráter mais profissional por causa de sua estrutura empresarial incentivada pelo capital e industrialização brasileira. O governo militar havia criado leis que restringiam a participação de empresas estrangeiras nas sociedades de radiodifusão e em serviços de televisão. A TV passa a ter uma linguagem e um público próprios. Programas vão ganhando popularidade, enquanto muitos jornais são ocupados, sofrem atos de vandalismo e até mesmo tirados de circulação.

Em julho de 1969, as redes de TV transmitem a chegada do homem à lua, momento histórico da televisão brasileira, pois a sociedade parou para se colocar à frente dos aparelhos a fim de presenciarem o acontecimento. As revistas e jornais posteriormente tiveram que noticiar as imagens transmitidas pela televisão, pois aquele fato só poderia ser acompanhado através das cenas, e esse recurso tecnológico era característica apenas da “caixa mágica”.

A Copa do Mundo de 1970 também foi outro fator que contribuiu para a popularidade da TV. As pessoas necessitavam mais do que ouvir os fatos, precisavam vê-los, e não apenas com os olhos da imaginação, mas da realidade. De 1968 a 1970 o número de aparelhos aumentou de 3.276.000 para 4.584.000, chegando a 16.747.000 de aparelhos no final da década (BARBOSA; *apud* ABINEE; *apud* MATTOS, 2002. p. 83-84).

Os programas de auditório garantiram à TV uma popularidade cada vez maior, pois combinaram o humor e o grotesco para chamar a atenção do público, exemplos são aqueles apresentados por Chacrinha, Dercy Gonçalves e Silvio Santos, que permanecem como ícones até hoje, sendo referências para a história da TV brasileira. Em 1970 a Globo se consolidou como a maior rede do Brasil, pois conseguiu o número maior de afiliadas, tecnologia de ponta e investiu também em sua programação e linguagem criando o “Padrão Globo de Qualidade”.

O poder de formar opinião pública, distorcer fatos, influenciar decisões, prejudicar adversários, alienar, informar, omitir, entre outros tantos, ainda existe por parte dos meios de comunicação, em qualquer plataforma, e provavelmente nunca irão perdê-lo. No entanto, espera-se da população conscientização cada vez maior em relação ao que se vê e ouve, afim de que os cidadãos saibam aproveitar o que de bom as tecnologias da informação têm pra oferecer.

O surgimento do jornalismo no Maranhão

Jorge (1987), em *Os Primeiros Passos da Imprensa no Maranhão*, conta a história dos impressos nesse estado no período compreendido entre 1821 e 1841. Esse é um período que atravessa o grito de Independência do Brasil a Abdicação de Dom Pedro I, a Regência Trina, entre outros movimentos. O autor afirma que o primeiro periódico maranhense, intitulado *O Conciliador do Maranhão*, nasceu em 15 de Novembro de 1821, e como sugere o nome, viera com o objetivo de mediar o governo e o povo na tentativa de unir brasileiros e portugueses, através de sua imparcialidade, verdade, franqueza, amor ao bem público e respeito à ordem.

Seu formato era uma folha de papel ao maço, impresso em duas colunas. Contudo, antes da implantação da primeira tipografia de São Luís em 31 de Outubro do mesmo ano pelo Governador Bernardo da Silveira Pinto, 34 números manuscritos circularam desde 15 de abril até o dia 4 do mesmo mês de surgimento da versão impressa, novembro. A circulação atingia trezentos exemplares por tiragem e circulava duas vezes por semana. As assinaturas eram feitas por maranhenses de várias cidades, como São Luís, Caxias, Alcântara, Parnaíba, Itapecurú, além de moradores do Pará.

Outras províncias reconheceram a capacidade do Maranhão em produzir jornais, como descrevera o terceiro jornal pernambucano *Relator Verdadeiro*.

Maranhão tem de presente ótima tipografia, lemos impresso um anúncio em que se promete pelos redatores daquele país, um jornal intitulado *O Conciliador do Maranhão*, ele tem de apresentar matérias instrutivas, que desempenhadas com erudição e sucesso tornarão aquele periódico não pouco interessante (BARBOSA; *apud* RELATOR VERDADEIRO, 23/12/1821).

O impresso, dirigido pelo Oficial Maior da Secretaria do Governo, Antônio Marquez da Costa Soares, juntamente com José Antônio Ferreira Tezinho, mais conhecido como Padre Tezinho, viera para defender a Constituição portuguesa de 9 de março de 1821, que contradizia os ideais de Independência com que o povo tanto sonhava. Por isso, segundo historiadores, o jornal não cumpria o que estava determinado, pois ao invés de promover a união entre população e governo, provocou a revolta à medida que criticava sem repúdio os membros do partido adversário, *Conspícuo*, sendo lançado ao desprezo e vindo a ser encerrado em 16 de julho de 1823 com 210 edições.

Jorge (1987) afirma que a linguagem do jornal era de difícil entendimento, mesmo com o grande número de analfabetos. Expressões esdrúxulas eram muito utilizadas no periódico, como por exemplo, tupinambás corcundas, foribundo, e degenerados bonifácios, o que fez com que sessenta e cinco cidadãos da capital, através de um representante, fossem até o Rei D. João VI para denunciar o comportamento dos redatores, que se valiam por vezes de mentiras ou agressões para defender a não emancipação política dos brasileiros. Notícias de fato e juízos de valores dos redatores caminhavam juntas, impossibilitando ao leitor desassociá-las ao lerem as matérias.

O segundo jornal a ser publicado no Maranhão foi o *Folha Medicinal*, em 11 de março de 1822. Este não era impresso na tipografia maranhense, mas na nacional, com tamanho da metade uma folha de papel ao maço e oito páginas, sendo redigido por Manoel Rodrigues de Oliveira, médico português. Circulou apenas por 3 meses, com 14 números e tendo suas atividades encerradas em 10 de junho de 1822. O jornal, que embora se propusesse a abordar temas médicos, focou-se principalmente na política, entre outros assuntos, chegou a atacar Padre Tezinho, que o rebateu violentamente em *O Conciliador do Maranhão* e em *Palmatória Semanal*, ambos escritos pelo clérigo.

Embora o escritor Sebastião Barros Jorge (1987) aponte vários erros cometidos pelo jornalista José Cândido de Araújo em seu trabalho *A Influência da Imprensa na Formação Histórica do Maranhão*, apresentado no VII Congresso nacional de Jornalistas (ABI), este último foi um dos poucos estudiosos a falar do jornal *Brado Maranhense*, que segundo ele surgiu em 1822 e “foi o primeiro jornal de interesse coletivo, contribuindo para as lutas da independência”.

Palmatória Semanal, como já foi citado acima, também era escrito por padre Tezinho, e fora criado para melhor difundir os pensamentos do autor, que estava enfurecido com as publicações feitas por Manoel Rodrigues de Oliveira em *Folha Medicinal*. Iniciado em 17 de março de 1822, seis dias após o surgimento do rival e findado no mês seguinte de encerramento do mesmo, o periódico cumpriu seu único objetivo: rebater agressivamente as acusações que eram feitas a seu redator, que se revelava vingativo e sem qualquer ressentimento em atacar os que lhe apontavam.

Assim como os jornais citados, outros foram surgindo e defendiam a um partido específico, alguns sendo favoráveis outros contrários a temas como a Independência do Brasil e do Maranhão, democracia, liberdade de expressão, reformas constitucionais, Império, República, entre outros tantos. Nenhum desses jornais era diário e nasciam com pretensões de defesas políticas, alguns eram postos em circulação apenas para combater periódicos rivais. Entre outros jornais surgidos no período de 1841 a 1841, citados por Jorge (1987) estão *O Argos da lei*, *O Censor Maranhense*, *Farol*, *A Minerva*, *Paroquê*, *A Cigarra*, *o Pasquim* e *O Guajajara*.

Após numerosos jornais impressos na capital, outras cidades do estado também começaram a produzir seus periódicos anos mais tarde, embora de forma bastante desigual.

Entre o primeiro jornal de São Luís, registrado no acervo da Biblioteca Estadual Benedito Leite, e o impresso pioneiro em Viana, em 1876, a segunda cidade do território a conhecer a atividade tipográfica, passaram-se mais de meio século. A terceira localidade a conhecer a letra impressa, Rosário, teve seu primeiro jornal registrado em 1903, após 82 anos do surgimento do primeiro periódico de São Luís e, por conseguinte, do Estado. (PINHEIRO, 2007, p. 59)

Após Viana, com *Alavanca*, Caxias, na região Leste do estado, com *O Telégrafo* (1848), e Rosário com *O Rosariense*, dezenas de cidades espalhadas por todas as

regiões do território maranhense passaram a escrever seus jornais, caracterizados por vários perfis, entre eles noticiosos, institucionais e religiosos. São Luís concentrou a maior parte dos impressos não apenas da região Norte, mas de todo o Maranhão, produzindo 395 periódicos até o ano de 2006.

Quanto à história da televisão no cenário maranhense, ainda há poucos registros sobre o tema. Sabe-se apenas que a primeira emissora de televisão (TV Difusora) foi instalada em São Luís em 1963, por intermédio de Magno Barcelar e seu irmão Raimundo Barcelar. Neste sentido, o presente trabalho traz uma contribuição significativa por preencher uma lacuna na história da televisão das cidades do interior do Maranhão.

A TV como precursora do jornalismo em Amarante

Amarante localiza-se no sudoeste do Maranhão, a apenas 110 km da segunda maior cidade do estado, Imperatriz, e faz limite com municípios como Buriticupu, Grajaú, Sítio Novo, Montes Altos, Buritirana, Arame, Senador La Roque e João Lisboa. Elevada à categoria de município desde 21 de outubro de 1953, Amarante possui 63 anos e uma tradição jornalística pequena, que com o passar do tempo, ao invés de desenvolver-se, estagnou-se.

A escassez de produtos jornalísticos não é característica apenas de Amarante, mas da maioria das cidades vizinhas, com exceção de Açailândia e Imperatriz. Essa última é a responsável por tornar público à região os acontecimentos mais “importantes” da cidade, que na parte das vezes referem-se a assassinatos e episódios políticos.

A única emissora de televisão já existente em Amarante e primeiro meio de comunicação social foi instalado no início de 1992, pela empresária e futura prefeita, Enilde Everton de Almeida, sendo repetidora nos dois anos iniciais da Rede Bandeirantes e em seguida do SBT. A proprietária montou uma pequena equipe e deixou as primeiras transmissões e apresentação de estúdio sob a responsabilidade de Aldeman Araújo Costa, jornalista que residia em Imperatriz e já tinha experiência profissional na área de comunicações.

O prédio da emissora era composto por sala de recepção, controle, operação e de arquivo, estúdio, escritório de direção, entre outros compartimentos. Possuía

equipamentos, que embora fossem amadores, permitiam que os programas fossem ao ar, como o transmissor, dois videocassetes com os quais eram feitas as edições, três filmadoras, 10 monitores, refletores, VHS e mais tarde mesa de corte e mesa de edição.

João Batista Franco Lima, professor e vereador em Amarante, conhecido popularmente como Netinho, foi um dos primeiros a fazer teste para apresentar programa na emissora e saiu somente em 1996. Entrou para fazer um programa de esportes, mas além deste, apresentou diversos outros. Ele afirma que dos iniciantes, apenas Aldeman Costa possuía experiência com a comunicação social, os demais foram aprendendo e se aperfeiçoando na prática, entre eles Waltercira Santos, que hoje trabalha na TV Difusora Sul em Imperatriz como produtora executiva, editora e apresentadora do jornal Bom Dia Tocantins.

A gente fazia milagre com os equipamentos que tínhamos. Nós participamos de algumas reuniões fora, treinamentos rápidos e mantínhamos a programação ao vivo, que eu achava mais fácil de fazer que gravado. Eu gostava muito, tinha facilidade. A Waltercira Santos também fez um dos primeiros testes, morava aqui na cidade trabalhando como recepcionista de hospital. Depois que a Sheyla Fernandes foi embora, ela ficou no lugar. Waltercira tinha uma dificuldade tremenda nos primeiros testes, mas evoluiu muito e hoje é uma grande jornalista em Imperatriz.³

Nos primeiros dias, a TV estava em fase experimental e por isso não tinha transmissão oficial, exibindo entrevistas avulsas sem seguir uma programação fixa. Logo após a chegada de Aldeman Costa, os primeiros testes foram sendo feitos e Netinho, Waltercira Santos, Zé Orlando, Raimundo Falcão, Sheyla Fernandes, Aciole Bastos, Elton Miranda, entre outros, foram contratados pela TV.

Os primeiros programas foram os jornais da manhã, meio-dia e início da noite. Apesar de planejados para serem diários, nem sempre mantinham a periodicidade normal, deixando de ir ao ar em alguns dias da semana. A dificuldade da programação normal consistia, principalmente, na falta de notícias regulares. O jornal de meio-dia, primeira edição, era o que se mantinha mais consistente; devido ao horário era o mais assistido na cidade. Constantemente, as matérias repetiam-se na segunda edição e programas inteiros eram reprisados no dia seguinte.

³ LIMA, João Batista Franco. **João Batista Franco Lima**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus Imperatriz, 2015.

A duração de um mesmo jornal variava de acordo com o tamanho das matérias e quantidade de notícias, podendo ter permanência de sete a vinte minutos, com uma quantidade de três a seis matérias, sem contar com as notas informativas. De acordo com Netinho, quando o programa não durava todo o tempo reservado pela programação nacional, preenchia-se o restante com comerciais ou clipes musicais. Para suprir a falta de notícias locais, transmitiam-se informações retiradas do jornal da cidade de Imperatriz O Progresso ou de outras fontes jornalísticas que obtinham.

Os telejornais costumavam ser de bancadas, com entrevistas ao vivo no estúdio, enquanto vários jornalistas revezavam-se como âncoras e repórteres. Alguns deles exerciam outras atividades laborais paralelas às do jornal e, por isso, em certas ocasiões, apenas um comunicador dava conta de um jornal inteiro, produzindo tanto as matérias externas, quanto apresentando o programa. Netinho, por exemplo, já era professor e fazia especializações nos períodos de férias das aulas, por isso o jornal ficava desfalcado durante esses meses.

A dificuldade para desenvolver os trabalhos na emissora era notória. Percebe-se que os apresentadores não possuíam orientação técnica ou formação profissional para se aperfeiçoar e evitar falhas graves como gaguejo, fala muito rápida, uso de jargões, erros de língua portuguesa, divulgação de rostos e nomes de menores, entre outros problemas. Em uma matéria que fala sobre uma nova academia a ser inaugurada na cidade, por exemplo, o repórter José Orlando entrevista o instrutor, que acabara de malhar e por isso está com o fôlego curto. Mesmo assim o repórter não se incomoda e continua fazendo as perguntas para o rapaz, que faz o máximo esforço para pronunciar as palavras.

- **Bom Dia Amarante:** Jornal diário voltado principalmente para o campo político, com bancada e entrevistas ao vivo no estúdio. Foi um dos primeiros programas da TV Amarante e ia ao ar às sete horas, apresentado pelo jornalista Aldeman Costa. Permaneceu por pouco tempo e tinha exibição inconstante por falta de matérias.

- **TJ Amarante:** Jornal diário que tratava de assuntos gerais e fazia entrevistas ao vivo no estúdio. Era exibido ao meio dia e meio e tinha duração que variava de sete a vinte minutos. Foi o jornal que teve maior duração e era apresentado por João Neto Franco, Waltecir Santos, Raimundo Falcão e José Orlando. Também podia não ser exibido em alguns dias da semana por faltas de matérias ou problemas técnicos. Em uma edição, o jornal foi aberto com a seguinte declaração da jornalista Waltecir

Santos. “Estivemos fora do ar por vários dias em consequência de danos causados nos nossos equipamentos. A partir de hoje apresentaremos nossa programação normal”.

- **Jornada Esportiva:** Primeiro programa apresentado por João Batista Franco Lima. Era exibido às segundas e sextas-feiras com duração de meia hora e, conforme o nome deixa evidente, transmitia notícias apenas ligadas ao esporte. O apresentador e repórter afirma que se identificava com o tema e que o futebol de Amarante sempre foi forte e ainda é na cidade, permanecendo como a principal modalidade desportiva divulgada no programa.
- **TJ Amarante 2ª Edição:** Jornal exibido às dezoito horas com o mesmo formato da 1ª edição. Era apresentado por Waltecir Santos, Raimundo Falcão e José Orlando. Constantemente repetia notícias já veiculadas na edição anterior.
- **Minha Terra, Minha Gente:** Programa que se preocupava em divulgar a cultura do município, fazendo entrevistas no estúdio e apresentando matérias externas. O apresentador Aciole Bastos personalizava-o com objetos particularidades da zona rural, ambientando os telespectadores com a realidade do município, que na época possuía mais características rurais que hoje. Por vezes, fazia gravações usando chapéu ou outros adereços típicos do município.
- **Jornal Fatos em Debate:** Programa apresentado por Elton Miranda que ia ao ar a partir das doze horas da manhã aos sábados. A programação trazia enquetes feitas nas ruas de Amarante e posteriormente debatidas no estúdio pelo apresentador e seus convidados. Também aderiu às entrevistas ao vivo e gravadas e realizava sorteios de prêmios, à vezes diretamente das lojas que patrocinavam o programa.
- **Espaço Livre:** Era apresentado por Netinho e foi um dos últimos programas da TV Amarante. Tinha duração de trinta minutos, mas poderia ser reduzido por causa dos problemas já mencionados; ficou no ar de 1995 a 1997. Inicialmente, era apresentado nas sextas-feiras, em seguida, passou para os sábados. O programa sempre trazia entrevistas de estúdio com cantores, representantes de entidades do município, políticos, entre outros cidadãos. Também fazia matérias externas e o apresentador, que ficava na bancada, comentava e dava opiniões acerca dos temas em questão.
- **TV Alternativa:** Programa de caráter informativo que ficou no ar até o final de 2004, sendo o último programa da emissora. Era apresentado pelo jornalista Arimatéia Júnior e ia ao ar nos sábados, às onze horas da manhã. Tratava de assuntos gerais, mas

priorizava temas policiais e polêmicas, como as denúncias contra os poderes públicos em relação à falta de segurança pública, educação e saúde no município. O mesmo foi utilizado inúmeras vezes como arma para dar apoio político à proprietária e denunciar seus opositores. No final de suas exposições repetia apenas o programa gravado pelo apresentador na cidade de Imperatriz, com informações que não tinha mais qualquer ligação com a cidade de Amarante.

Mais uma vez percebe-se a interferência da política nas emissoras de televisão em Amarante. A proprietária do veículo, Enilde Everton de Almeida, elegeu-se prefeita no município em 1993, um ano após a fundação da emissora, permanecendo no cargo até 1996. Durante esse período, percebe-se que as críticas aos poderes públicos, feitas pelos jornais eram mínimas, prejudicando o ideal de imparcialidade e restringindo o número de pautas jornalísticas que poderiam ser utilizadas a favor da sociedade. De acordo com Netinho “a TV acabava sendo uma arma a favor da prefeita. O jornal não era imparcial, dificultando mais ainda o nosso campo de notícias. No entanto, não era nada de forma absurda, exagerada direcionando para a administração, mas de qualquer forma favorecia”.⁴

A figura da prefeita aparece em muitas notícias do TJ Amarante, mostrando benfeitorias de seu governo e, quando se tratava de cobranças feitas pela população, expunha ao mesmo tempo a solução já sendo viabilizada. Alguns apresentadores deixavam os textos menos carregados de termos que demonstrassem partidarismos políticos, mas outros não se importavam com essa questão. É o que acontece em determinadas edições apresentadas por José Orlando, em que nota-se a total falta de imparcialidade nas informações, utilizando expressões como “graças aos esforços da prefeita”.

Esse fato é ocasionado pela falta de fiscalização do Governo, que privilegia políticos e empresários, fechando os olhos para a forma como as informações estão sendo veiculadas, enquanto “teoricamente” preocupa-se apenas em estabelecer que a informação seja uma das finalidades principais das emissoras. O informativo Intervozes, Coletivo Brasil de Comunicação Social, de 2007, faz as seguintes reflexões. “A lei de licitações, entretanto, criou um novo problema: a da prevalência do poder econômico na

⁴ LIMA, João Batista Franco. **João Batista Franco Lima**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus Imperatriz, 2015.

decisão de quem irá explorar os serviços de radiodifusão. Acontece que nem sempre quem possui mais dinheiro é mais capacitado para prestar esse serviço público” (p.08).

Já ao fim do mandato político, percebe-se que os programas informativos estão mais independentes, como a TV Alternativa e Espaço Livre, que passam a fazer denúncias dos descasos dos governantes e a cobrar melhorias para a população. Nesse período, a TV começa a declinar, visto que os equipamentos, que já eram ultrapassados tecnologicamente, tornaram-se mais defasados ainda e os problemas financeiros atingiram o veículo. De acordo com Kawyglatam Gonçalves Santana, que trabalhou de 1999 a 2007 como produtor no veículo, a prefeita fazia muitos gastos com política, deixando de investir recursos na emissora. Para o professor Netinho, o desinteresse da proprietária foi o principal motivo que levou a televisão ao fim das transmissões.

A TV acabava servindo como objeto de trampolim político, o que é muito comum no Maranhão. Então, de repente, por não ter o retorno financeiro e pela emissora não poder proporcionar um favorecimento político, ela acabou perdendo o interesse. Acredito que a contribuição da emissora pra eleição dela foi mínima, naquela época não havia reeleição. O trabalho dela e do esposo talvez contribuiu muito mais que a emissora. Por mais que não fosse totalmente possível por causa do vínculo, a emissora tentava manter uma certa postura de imparcialidade.⁵

A emissora não tinha condições de se manter sozinha, sem o apoio político. Inicialmente, a proprietária conservava contrato com o Governo do estado e prefeitura, além de receber o repasse que vinha dos anúncios nacionais. Kwyglatan afirma que a média dos comerciais locais variava de 250 a 450 reais, às vezes chegando a 700. Mas, de acordo com ele, “as transmissões chegaram ao fim pela falta de investimento porque o dinheiro arrecadado estava sendo direcionado apenas para a manutenção de campanhas políticas”⁶, inviabilizando a continuidade dos trabalhos na empresa.

Em 1999 apenas o programa TV Alternativa permanecia, sendo transmitindo eventualmente nos sábados. Desse período até o ano de 2011, a programação local saiu várias vezes do ar, ficando apenas a repetição do sinal nacional. Contudo, o programa

⁵ LIMA, João Batista Franco. **João Batista Franco Lima**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus Imperatriz, 2015.

⁶ SANTANA, Kawyglatam Gonçalves. **Kawyglatam Gonçalves Santana**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus Imperatriz, 2014.

de Arimatéia Júnior sempre retornava para dar apoio político à proprietária, mesmo que forma inconstante.

No início de 2001, Kwyglatan começou a produção do programa KG de Notícias, voltado principalmente para a cobertura de eventos, mas já em 2004 foi retirado do ar, fato que se repetiu também com o TV Alternativa, uma vez que Enilde não venceu as eleições para prefeita e decidiu manter a emissora apenas com comerciais locais, findando totalmente suas atividades em 2011.

No momento, a TV já funciona como repetidora da Difusora Sul e está em fase de reativação, as primeiras reuniões para definir programas, apresentadores, entre outros assuntos, estão sendo feitas. O administrador da emissora atualmente é o cantor e apresentador José de Ribamar Oliveira da Silva, conhecido por Beto Douglas, residente na cidade de São Luís.

Considerações finais

Ao contrário do que ocorreu no Brasil e do que se vê normalmente nos estados e municípios do país, a televisão foi o primeiro veículo de comunicação de massa a surgir em Amarante do Maranhão, trazendo consigo a informação nos telejornais. Em 1992, graças à influência e condição financeira da empresária Enilde Everton de Almeida, esposa de Dr. Liorne Branco de Almeida, que além de médico era proprietário de um hospital na cidade, a TV Amarante é instalada como repetidora da Bandeirante e em consequente do SBT, quando a cidade possuía pouco mais de 23 mil habitantes, segundo dados do IBGE.

Ainda percebe-se que a política possui uma grande participação na televisão de Amarante, chegando a misturar-se de tal forma que em certas ocasiões torna-se difícil a separação entre jornalismo e discurso político. Jornais veiculam informações favoráveis às suas administrações, privando os comunicadores de desenvolverem seus papéis como porta-vozes da população, que ao contrário disso, noticiam apenas o que é de interesse dos proprietários ou apoiadores e deixam a população de boca amarrada para as denúncias das mazelas sociais.

A produção deste artigo demandou muita pesquisa documental e contato constante com os comunicadores que participaram da história do telejornalismo na

cidade. Muitas personalidades importantes, que teriam algo a acrescentar já faleceram, levando consigo o conhecimento que os jovens não possuem. Porém, foi possível resgatar uma grande parte dessa narrativa e, portanto, essa pesquisa torna-se uma fonte sobre a história de Amarante, uma vez que até o presente momento, não há documentos oficiais, como livros, artigos, entre outras fontes que preservem os fatos ocorridos na cidade.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CUNHA, Kerisson Falcão da. **Kerisson Falcão da Cunha**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus I, 2015.

GONÇALVES, Jefferson da Silva. **Jefferson da Silva Gonçalves**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus I, 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09/10/2014.

Intervozes: **Concessões de rádio e TV**: onde a democracia ainda não chegou. Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social. 2007.

JORGE, Sebastião. **Os primeiros passos da imprensa do Maranhão**. São Luís, PPPG/EDUFMA, 1987.

LIMA, João Batista Franco. **João Batista Franco Lima**: entrevista. Entrevistadora: Jael Martins de Sales Rodrigues. Amarante. Concedida à aluna da UFMA – Campus I, 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV brasileira**: 40 anos de história - 1950/1990. Salvador : Abap-BA/A Tarde, 1990.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernado do Campo, 2007.